

A TERRA É DE QUAIS SANTOS? DEBATES SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA SEMANA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS

RODRIGO ALVES ACEDO¹; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES²;
PAULO BRUM³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPel - rodrigoaacedo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPel - guilhermerdr.rodrigues@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - UFPel - paulo.brum@ufpel.edu.br*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - UFPel - louiseturismo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas vem, desde 2015, atendendo à Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT) Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), num esforço mútuo de reconhecimento e difusão da cultura e religião de matrizes africanas na cidade de Pelotas, através de um pedido de patrimonialização e de ações de visibilização da pluralidade religiosa da região.

A proposta de registro como bem cultural do terreiro, a qual deu início ao projeto supracitado, partiu da própria comunidade. Gisa, a Mãe de Santo, buscou o Laboratório do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), para auxiliar na escrita deste relatório a ser entregue ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), visando o reconhecimento de suas práticas religiosas.

Apesar da cidade de Pelotas ser a segunda no Brasil com maior número de terreiros das mais diversas vertentes, poucos, inclusive os habitantes mais antigos, tem conhecimento deste dado ou ao menos da relevância deste número na cidade. Não são raras, aliás, as ocorrências ou declarações preconceituosas em relação à cultura negra em Pelotas, tão decisiva em sua formação e que ainda operaativamente, influenciando na dinâmica cotidiana dos fluxos e espaços na cidade.

Portanto, é nosso objetivo no ano de 2017 com o Projeto de Extensão Terra de Santo, no âmbito do GEEUR, evidenciar essas informações à população, colocando a temática da cultura afro em discussões ampliadas. Recentemente, por meio de uma exposição interativa que se deu durante três dias no evento de comemoração do Dia do Patrimônio de Pelotas, através de diálogos, objetos e informações textuais em *banner* sobre as práticas plurais de um terreiro, suas materialidades e propósitos, realizamos esse primeiro momento de debate ampliado com a comunidade pelotense.

Este trabalho, então, irá apresentar alguns resultados dessa ação, que ocorreu no Casarão 2 (onde está instalada a Secretaria de Cultura - SECULT), em um dos módulos da exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas”. Essa contemplou outras quatro temáticas: trabalho doméstico, travestis de Pelotas, narrativas do Passo dos Negros e a temática afro e indígena nas escolas. Todas relacionadas a projetos de extensão desenvolvidos pelo GEEUR e vinculados ao Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante o processo de concepção da exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” foi estabelecido, num primeiro momento, que essa seria composta apenas por *banners* informativos, abordando os cinco projetos de extensão. A exposição de *banners* objetivaria instigar a comunidade em geral a refletir sobre os outros patrimônios de Pelotas que não estão diretamente incluídos nos discursos oficiais da cidade.

Tal proposta, contudo, possivelmente não impactaria e chamaría atenção suficiente dos visitantes como desejado. Para cumprir tal meta foi sugerida a criação de módulos temáticos, agregando a eles objetos materiais, criando assim um espaço mais comunicativo e interativo.

Para o módulo Terra de Santo foram expostos objetos e vestuário utilizados tradicionalmente por Mães e Pais de Santo. A cor branca teve destaque nesta seção devido ao seu importante significado, simbolizando a paz e harmonia, e se fez presente tanto em roupas como num pano que cobriu o chão neste espaço. Selecionou-se instrumentos musicais, como um tambor e um “agê” (semelhante a um chocalho), pela fácil associação de seus timbres aos ritos tradicionalmente realizados em casas de santo. Os “axós” (peças de roupas de babalorixás e yororixás, correspondentes às vestes masculinas e femininas) foram utilizados em decorrência da sua presença no auge do culto que se realiza aos orixás. Tais peças, vale ressaltar, foram vestidas em dois manequins negros, cedidos para o projeto pela casa Reino de Oxalá e Ogum, de Rio Grande. Um informativo com contato do Projeto Ori (projeto social desenvolvido pela CBTT com mais de 80 crianças voltado para o reforço escolar) também fez parte desta seção da exposição e, por praticidade, foi abandonada a ideia de manter exposta uma gamela com frutas, cujo valor, contudo, vale ser lembrado no presente trabalho.

Como estratégia de aproximação dos visitantes, algum dos integrantes do GEEUR, responsáveis pela mediação, faziam algumas perguntas introdutórias para iniciar um diálogo, indagando sobre o conhecimento e/ou participação em alguma comunidade de terreiro. Dessa forma, a interlocução entre visitante e anfitrião efetivou as discussões, conectando todas as temáticas à exposição “Margens”. Destacamos que o diálogo com a sociedade serviu pesquisa etnográfica para o Grupo de mediadoras/es.

3. RESULTADOS

Após três dias de exposição, o módulo, posicionado logo em frente à entrada, recebeu diversos grupos de visitantes, de idades, gêneros, classes e etnias distintas. A recepção do público foi, inevitavelmente, plural. Discorreremos a partir da recepção de alguns desses grupos, cada qual com seu valor simbólico, para podermos traçar empiricamente um panorama geral de cada dia e daí tomarmos nossas conclusões.

O primeiro deles talvez tenha sido o mais conturbado para este módulo, isto é, com pouca ou quase nenhuma interatividade ou interesse demonstrados pelos visitantes, sinalizando alguma carga de preconceito. Para nos valermos de

exemplos práticos, um grupo de homens luteranos (brancos) que acabava de voltar de um encontro religioso apenas passou pela seção, ignorando as figuras expostas; além de uma professora, que, acompanhando uma turma escolar de crianças, as tomou pela mão quando estas se demoraram na observação do módulo da Terra de Santo, guiando-as especificamente à outra seção. Enfim, deliberadas atitudes que buscavam evitar olhar para estas tradições. Ademais, houveram comentários desdenhosos a respeito da cor dos manequins, questionando ironicamente sua pintura.

No segundo dia, houve uma participação maior por parte do público, em grande parte adolescente. Foi observado um senso de identificação (código de pertencimento), com mais interações e compartilhamentos de experiências e vivências: pessoas tocaram nos tecidos e apropriaram-se dos manequins para registrar informações. No terceiro, o ritmo se manteve semelhante. As trocas e diálogos eram mais comuns com os adultos, porém pode-se dizer que houve um interesse geral do público pelas notáveis (e urgentes) representatividades. A participação da prefeita e do secretário de cultura de Pelotas configurou um importante momento em que se pôde apelar mais diretamente por medidas que apoiam e deem a devida visibilidade a essas formas de religião.

4. AVALIAÇÃO

O objetivo principal da exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” era pôr em movimento assuntos que não são tradicionalmente pautados nas narrativas oficiais sobre Pelotas. Pelo mesmo motivo, o lugar onde foi realizada a exposição, o Casarão 2 (local de maior evidência na Praça Coronel Pedro Osório, principalmente, na Semana do Patrimônio¹) não foi escolhido em vão. Quebrar a expectativa de, ao invés de conhecer a história da família proprietária da antiga edificação, ser apresentado às lutas e narrativas das domésticas que ali trabalhavam (em sua maioria, mulheres negras), ou sobre a presença das comunidades negras na periferia, como no Passo dos Negros, ou por religião e cultura africana, é um impacto um tanto quanto incômodo, porém que não deixa de efetivar reflexões.

Dado o espanto de muitos ao tomarem conhecimento do número de terreiros em Pelotas e as variadas demonstrações sutis de racismo, percebidas por expressões faciais, gestos e outros comportamentos corporais, aliadas a uma persistente vista grossa às causas negras, quase que negando ou rejeitando suas pluralidades, avalia-se que a exposição e difusão deste módulo são, em nosso contexto, provocatórias por si mesmas.

Se nosso desejo era de promover algum debate sobre essas questões, formulando e compreendendo a lógica do *outro* para nos transformarmos e transformarmos a cidade (MAGNANI, 2002), foram efetivos os esforços dessa exposição para, ao menos, trazer a espaços tradicionalmente elitizados de Museus esses conflitos urbanos latentes e invisibilizados. O Projeto, dessa maneira, se prolongará em seus intentos de expor e debater sobre esses grupos marginalizados na história e em nosso cotidiano, evidenciando essas diferentes formas de habitar Pelotas.

¹ Os pelotenses têm o costume de visitar esse casarão por ele guardar uma antiga carruagem de madeira, utilizada para cortejos fúnebres. Por ocasião de eventos como a Semana do Patrimônio, os quais fazem circular muitas pessoas, ocorre maior visitação a esta antiga condução.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

MAGNANI, José. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista brasileira de Ciência Sociais. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em: 11/10/2017.

OLIVEIRA, D. O. F de, RODRIGUES, M. B., BRUM, P., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 109-112.

RODRIGUES, J. F., BRUM, P., RODRIGUES, M. B., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. “Nós somos representantes de nós mesmos!”: um exemplo de regulamentação de casa de religião de matriz africana em Pelotas-RS. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 198-201.

RODRIGUES, G. R. de, BRUM, P., RODRIGUES, M. B., DIAS, H. G. B., RODRIGUES, J. F., ALONSO, L. P. “Mudar para se adequar sem perder o fundamento”: processo de patrimonialização em um terreiro na cidade de Pelotas-RS. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 170-173.